

## **Vieira e a Globalização\***

Vieira and the Globalization

**Affonso Romano de Sant'Anna**

Ensaísta, Escritor, Crítico Literário e Poeta

**RESUMO:** Este texto aproxima o advento do Quinto Império daquilo que pós-modernamente se chama de “o fim da história”. Lembra que o mito do Quinto Império, no período barroco, era mais internacional do que se pensa, pois ocorreu não só em Portugal, mas na França, Inglaterra, Itália e noutros países. No caso de Vieira, era um ideal religioso, econômico e político, enquanto na cultura contemporânea ocorre a inversão, a pregação neoliberal faz a sacralização do mercado, convertendo-a em “fé única”. O autor faz uma conexão entre três palavras básicas: profetismo, império e retórica. Trabalha também a idéia de “mentira útil” em Vieira e a retórica que a ideologia dominante hoje manipula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Padre Antônio Vieira; Quinto Império; “O Fim da História”; Globalização; Profetismo; Império; Retórica.

**ABSTRACT:** This text approximates the advent of the Fifth Empire to what is, in postmodern terms, called “the end of history”. It recalls that the myth of the Fifth Empire, in the baroque period, was more international than it was supposed to be, because it occurred not only in Portugal, but in France, England, Italy and others countries. In the case of Vieira it was a religious, economic, and political idea, while in contemporary culture an inversion takes place; the neoliberal persuasion apotheosizes

the market, converting it into the “sole faith”. The author makes a connection among three basic terms: prophecy, empire, and rhetoric. It also develops the “idea of useful falsehood” in Vieira and in the rhetoric which today’s dominant ideology manipulates.

**KEYWORDS :** Priest Antonio Vieira; Fifth Empire; “The end of History”; Globalization; Prophecy; Empire; Rhetoric.

Havia eu escrito uma crônica (e a crônica é sempre algo mais ligeiro, episódico), publicada no *Estado de Minas*, intitulada “Vieira e a Globalização”<sup>1</sup> e Lélia Duarte achou por bem convidar-me a rerepresentar tal tema neste Congresso. Naquele texto jornalístico, fazia apenas algumas alusões a algo que, talvez, pudesse/devesse ser melhor desenvolvido em outra ocasião, quem sabe por outra pessoa.

Tomando como estímulo e provocação o convite feito para este Congresso, volto à questão, tentando aprofundar observações feitas, por exemplo, no livro *Barroco, do quadrado à elipse* (Rocco, 2000) e em alguns ensaios publicados aqui e ali. Sobretudo fui instigado a tentar uma vez mais certas aproximações que excedem à simples leitura de Vieira e transbordam para uma tentativa de compreensão (também) de nossa época, ou seja, a compreensão dessa cultura cognominada de pós-moderna, na qual a retórica e os sofismas voltaram a ser utilizados para a consecução senão do Quinto, talvez do Sexto Império, não sei se de Cristo ou de alguma potestade infernal. O fato é que aquele império paradisíaco vislumbrado por Antônio Vieira, segundo a lógica matemática do “inverso simétrico”, tem, paradoxalmente, um parentesco com algo que se assemelha ou ao inferno (ou purgatório?) da pós-modernidade.

Portanto, estou dizendo que tratarei de ontem através de hoje e de hoje através de ontem, explorando barrocamente certas antinomias complementares e didáticas. De alguma maneira estou me indagando de que maneira a análise de Vieira nos ajuda a entender o presente.

Feita esta pergunta ou observação, percebo uma similaridade entre a situação de ontem e a de hoje, entre o nosso autor religioso e certos sacerdotes da ideologia dominante de nosso tempo. E três palavras presentes nas análises do discurso vieirino ressaltam, impelindo-nos a desenvolver, em torno delas, o nosso pensamento: *profetismo, império e retórica*.

### PROFETISMO

Começemos pelo profetismo. E reconheça-se logo no profetismo uma constante que se torna mais evidente em certos momentos históricos das diversas culturas. Disto dão contas inumeráveis estudos sócio-antropológicos. Mas no caso específico de Vieira, que é o que nos interessa, alguns estudiosos esclarecem que o nosso pregador, em sua época, não está só nesse ímpeto adivinhatório do futuro. Na verdade, ele faz parte de um naipe de profetas e de visionários que perseguiram a concretização do Quinto Império de Cristo. É assim que Leonel Ribeiro dos Santos<sup>2</sup> assinala que em 1641, em Portugal, o Frei Sebastião de Paiva produziu o *Tractado da Quinta Monarquia e Felicidades de Portugal Prophetizadas*, e que fora das terras lusas, o utopista italiano Tomás Campanella, desde 1600, em vários textos, perseguia esse sonho, vendo ora o rei de Espanha, ora o rei de França (Luís XIV), ora o Papa Paulo V, “como escolhidos de Deus para concretizar na terra sua idealizada monarquia universal teocrática”<sup>3</sup>.

De igual maneira, na França, “um contemporâneo de Vieira, o poeta Desmarets de Saint-Sorlin, publicou em 1657 um poema heróico intitulado “Clovis, ou la France chrétienne”<sup>4</sup>. “O poeta francês põe mesmo na boca de Cristo estas palavras dirigidas à Virgem sua Mãe : “Je choisís ce Monarque, et sa grâce vaillante/ Pour rendre mon Église à jamais trionphante/... Et leur trône verra les dernier jours du monde”<sup>5</sup>.

Portanto, quando Vieira vai se ilustrar no poeta popular Bandarra, está seguindo uma clave poético-profética encontrada em outros autores. O que é surpreendente é que, também na Inglaterra, o livro de Daniel e as profecias de um Quinto Império de Cristo apareçam também em textos de cientistas como Isaac Newton ou, como assinala José Eduardo Reis<sup>6</sup>, no opúsculo de William Aspinwall, *Uma breve descrição da Quinta Monarquia, ou o Reino, que em breve há de chegar ao mundo* (1653). Aqui, no entanto, a data da implantação desse advento seria 1678, um pouco diversa, portanto, da de Vieira. Como vai assinalar Maria José

Ferro Tavares<sup>7</sup>, Vieira, além de 1666, teria tentado outras datas como alternativa para a vinda de Cristo *sub specie* lusitana, seja 1670, 1673, ou 1675. Como diz essa autora “ano atrás ano, Vieira perseguia a idéia do ano fantástico”<sup>8</sup>.

Retomando o que apontamos inicialmente, indagaríamos: se o profetismo é uma constante nas culturas (até nossos índios guaranis anseiam pela “terra sem males”, como assinalou Pierre Clastres) e se houve um recrudescimento dessa prática no período barroco, que elementos teríamos hoje em nossa época que remetem para um parentesco ou *revival* dessa ideologia? O que há de arquetípico aí, que pode nos interessar ainda hoje? Como pode o ontem esclarecer o hoje e vice-versa? O que há de semelhante entre o discurso barroco de ontem e uma estética atual que alguns chamam de neobarroca?

O profetismo é um vezo humano. Não suportamos os limites do presente, por conseguinte, somos capazes de arqueologicamente reinventar, ficcionar o passado e fazer até uma arqueologia do futuro, projetando no depois aquilo que arquetipicamente supomos, o que gostaríamos tivesse existido um dia, ou seja, o paraíso do qual fomos expulsos.

Em outro texto<sup>9</sup>, lembrei que nossa cultura tem explorado sucessivamente diversos conceitos de tempo e de história e que essa exploração exercita diversos tipos de ideologia.

Teria havido, tanto nas sociedades tribais quanto no mundo clássico grego, a idéia de que o tempo era circular, cíclico, e aí se buscava a harmonia das esferas e a consonância entre o micro e o macrocosmos.

Teria havido, por causa da tradição judaico-cristã e marxista, a noção de um tempo em forma de flecha, um tempo que parte do Gênesis para o Apocalipse, do pecado para a redenção, para um final em que estariam a punição ou o paraíso, e, na versão marxista, seria o estado dialético sem classes e sem contradições.

Em todos esses casos, trata-se de anular o tempo e controlar a história. O pensamento laico e o pensamento religioso convergem

para a mesma ideologia de colonização do tempo e do espaço.

### IMPÉRIO

É próprio do imperador e de qualquer império a apropriação não só do espaço, mas do tempo. O império/imperador desterritorializa o outro e se pretende eterno. Foi assim desde sempre, por exemplo, com o primeiro imperador da China, Ying Jien, que no ano 234 a.C. assimilou todas as tribos, unificou tudo, estabelecendo muralhas estratégicas, mandando queimar todos os livros, ordenando que a história começasse com ele. É o império do mesmo, do idêntico.

A palavra império, presente nas profecias de Vieira, remetendo tanto para o aspecto cristão quanto para o poder secular dos reis, foi atualizada na modernidade não tanto pelo termo “imperialismo”, que foi de larga utilização político-ideológica até os anos 80, tendo sido, de algum modo, substituída mais recentemente pelo conceito mais sutil de “globalização”. Existe, no conceito de “globalização”, o insidioso pressuposto de uma adesão voluntária ao novo evangelho neoliberal de nossa época.

Enquanto os jesuítas, a exemplo de Vieira, pensavam em propagar a fé num imperioso projeto colonial e colonizador, na modernidade, há quem diga que a globalização propõe uma “recolonização do mundo”, a conversão a uma outra fé econômica e social única. Há algumas similitudes, entre o que ocorria aí pelo século XVII e o que se desdobra já no século XXI. O advento do Quinto Império pregado por Vieira e outros, abolindo também a história, poderia hoje ser lido como uma primeira edição religiosa daquilo que nas últimas décadas ficou conhecido sob a alcunha de o “fim da história”. Segundo os teóricos dessa teoria secular, como no pensamento religioso, os conflitos que marcaram a história estariam resolvidos ou ultrapassados. Com o fim histórico do comunismo, desde a queda do muro de Berlim, e o fim da União Soviética, a atual metamorfose econômica da China, dizem os profetas da pós-modernidade, como se

tivessem reencarnado Vieira, estaríamos caminhando para uma cultura onde o neoliberalismo seria a última utopia. Enfim, cada época tem o Quinto Império que merece.

Não estarei, portanto, violentando a lógica, se propuser que neste silogismo que está no substrato de meu texto, o Quinto Império de Cristo, hoje, pode ser traduzido como Quinto ou Sexto Império do Neoliberalismo.

O “fim da história”, em Vieira ou hoje, desdobra-se em duas frentes aparentemente contraditórias: por um lado, como acontece no milenarismo, a pregação do “fim da história” e, por outro, o pressuposto de que é inevitável o “choque de civilizações”. Na pregação vieirina, era necessário converter os judeus, os índios, os negros, enfim, trazendo-os não exatamente para a *pólis*, mas para a “Jerusalém sagrada”. Esse “choque” ou guerra, ontem e hoje, é apenas o lugar de passagem para que a história escatologicamente se efetive, eliminando, erradicando o “atraso”, a “miséria” ou tudo aquilo que de ameaçador trazem os “novos bárbaros”, ou para sermos bem enfáticos sobre a história atual, os “novos turcos”.

Assim como Vieira, ao seu tempo, não foi o único alucinado, tornou-se comum em nossa época, ao se tratar do fim leigo da história, a referência a Hegel, como se ele tivesse sido uma espécie de São João Apocalipse, que previu messiânica e filosoficamente o “fim da história”. Tomado ele como profeta e sacerdote, seguidores pós-modernos, como Francis Fukuyama e Samuel Huntington, ligados não ao Vaticano, mas ao seu equivalente poder hoje, o Departamento de Estado norte-americano, ambos têm se destacado por um profetismo, que nos ensina a ler melhor o passado e compreender o milenarismo político.

Francis Fukuyama em 1989 publicou *The end of history*, retomando-o depois em 1992 sob o título *The end of history and the last man*. Não importa que Fukuyama tenha dado entrevistas, posteriormente, dizendo que se equivocou, que lamentava informar que a “história não havia terminado”. No seu caso não foi necessária a Inquisição,

senão a inquisição dos fatos. Já não é o caso de Huntington, que continua pregando a luta contra os “turcos” ( ou o Islã, hoje) e “latinos” que, segundo ele, ameaçam a integridade norte-americana.

### O LUGAR DA RETÓRICA

Hoje, nos cursos de humanidades, pratica-se uma disciplina chamada de “análise do discurso”. Há técnicas as mais variadas para se saber o conteúdo dos discursos presidenciais ou da publicidade. Por outro lado, dentro do espaço específico dos estudos literários, existem já inúmeras análises dos discursos religiosos de Vieira. Qualquer estudante razoável é adestrado para distinguir o conceitismo e o cultismo no *Sermão da Sexagésima*. (E aqui abro um parêntesis para, estando em Belo Horizonte, lembrar-me das aulas do mestre Wilton Cardoso e José Carlos Lisboa, que nos apresentaram, na literatura brasileira e espanhola, magistralmente, o Barroco.) Alunos e professores examinam o jogo de xadrez verbal, o jogo de palavras, as antíteses, as bímembrações das frases, as simetrias bilaterais. Se em Vieira, os jogos sintáticos e semânticos e a teatralização retórica estão presentes, a modernidade, nas ciências políticas e sociais, desenvolveu outro tipo de representação, de simulacro, através da “teoria dos jogos” preparada por “profetas” ou cientistas políticos. Vieira era bem um cientista político, o cientista político possível em sua época. Movimentou o xadrez do poder político e econômico e o poder das palavras. Ele não queria pouco, queria derrotar o tempo e o espaço, queria a eternidade e a glorificação de sua nacionalidade.

Por isto, uma questão que me parece apropriada, nessa aproximação que faço entre duas épocas diversas, unidas, no entanto, pelo vezo do “fim da história”, é a questão da retórica. Sabemos que havia, na Antiguidade, cerca de 256 tipos de silogismos, dos quais, 19 eram os mais usados. Um pregador da envergadura de Vieira, não poderia subir ao púlpito sem saber manejar tais instrumentos de persuasão. Os efeitos teatrais usados



pelos pregadores, a exemplo de Frei Antônio das Chagas, português que também, como Vieira, pregou na Bahia, bem lembram o que tecnicamente se chama de “hístrião persuasor”.

Como na Antiguidade Grega, hoje também os sofistas existem e oferecem seus serviços à comunidade. Na Grécia, eles ficavam em praça pública. Era ali que montavam, digamos, o seu escritório, e se ofereciam para defender toda e qualquer causa, pois estavam habilitados retoricamente a provar o que quer que fosse através do discurso.

Nas universidades do Ocidente, nos últimos anos, leu-se muito o livro de Foucault *As palavras e as coisas*. Pois bem, já na Grécia, entre os sofistas, a palavra era a coisa. Algo semelhante ocorreu com a filosofia contemporânea nos anos 60. A coisa passava a existir como decorrência de uma demonstração discursiva, e o exemplo disto está nos prodigiosos neo-sofistas como Barthes, Deleuze, Foucault, Derrida e outros.

Esses e outros profetas laicos, esses marxistas desiludidos, esses (des)herdados de maio de 1968, na verdade, transferiram para o discurso, para a linguagem, a última utopia. E nós que fomos formados por esses e outros sofistas miraculosos, chegamos em alguns casos a acreditar, digamos, na volta de D. Sebastião, na ressurreição de D. João IV e no império da linguística e do discurso.

Não se pode separar profetismo, imperialismo e retórica. Como estudante de filosofia aos 20 anos e praticante de retórica, Vieira ou qualquer jesuíta no seminário tinha como tarefa desenvolver silogismos imperfeitos que exigiam uma complementação imaginosa. Provar o absurdo, provar o improvável era uma forma de criar, inventar, apoderar-se da própria realidade. Assim o verbo se faz carne e se faz história. Na retórica profética, o vazio é preenchido com a palavra. E já nos seminários, os jesuítas eram adestrados em desenvolver proposições falaciosas como essas: “Demonstrar se a mãe de Cristo, dada a inferioridade da mulher, foi varão ou mulher”; “A Virgem Maria foi concebida sem pecado, logo o

papa é o imperador de toda a terra”.

É conhecido o debate retórico ocorrido na Academia Real, fundada em Roma por Cristina da Suécia, no qual Vieira defendia Heráclito e as lágrimas e o padre Girolamo Cattaneo defendia Demócrito e o riso. Ao final do debate, Vieira acaba invertendo o jogo, defendendo também o riso de Demócrito e anulando as antinomias.

Nós olhamos, lemos, estudamos essas coisas do passado e nos quedamos pasmos ou irônicos. Ser profeta do passado é sempre mais cômodo e seguro.

Mas me arrisco a fazer não uma profecia, mas uma aproximação: não haveria uma outra identidade entre a retórica alucinada barroca e a ideologia do “relativismo” que empapou a nossa época? Não teria sido Vieira, em seu espaço próprio, um relativista, aquele que dotado do poder do discurso pode provar qualquer coisa, a mais estranha que seja, a mais espetacular e prodigiosa, inclusive dizer o dia e a hora em que um rei encoberto ressuscitaria?

Justificando-se diante da Inquisição, ele diria: “Um pigmeu sobre um gigante pode ver mais que ele”<sup>10</sup>. E num gesto retórico de humildade (aparente), na verdade usando o artifício retórico que Ernst Curtius chama de “modéstia afetada”, adicionou: “Confesso, contudo, que se me pode replicar que, ainda em seguimento de outros autores, não era esta empresa para um homem tão idiota, como eu agora tenho acabado de conhecer que o sou”. E dito isto, segue arrolando autores sacros e profanos, todos aqueles textos/autores que usou em sua bibliografia profetizante. Na verdade, Vieira, na arquitetura de seu discurso, usa de um artifício conhecido na retórica como “argumentação em declive”. Ele justapõe argumentos e provas heterogêneas que se não são examinadas uma por uma, na ordem de entrada em cena, levam o ouvinte a ter que concordar fatalmente com a conclusão, embora entre a premissa e a conclusão haja um abismo. Pois se deixamos a máquina de seu discurso prosseguir inexoravelmente, teremos que concluir que realmente D.Sebastião vai ressuscitar

sob a forma de D. João IV.

Uma questão ética persiste no substrato da leitura que fazemos de Vieira: sabia ele que estava mentindo? Acreditava ele na mentira que estava literalmente pregando? Era um tolo? Um alucinado? Pode Vieira ser explicado através daquilo que em filosofia se chama de “paradoxo do mentiroso”, ou seja, quando o mentiroso diz que está mentindo, ele está mentindo ou falando a verdade? Quando o mentiroso diz que está falando a verdade, está ele sendo verdadeiro ou mentiroso? Evidentemente que Vieira bem seria capaz de defender a tese da “mentira útil”, da mentira boa versus a mentira danosa, enfim a tese da “utilidade pública da mentira”.

Retroagindo sobre seus passos, acuado pela Inquisição, ele diria: “Não foi meu intento ressuscitar os mortos, mas só consolar os vivos”. Todos os estudiosos reconhecem que ele estava a serviço de uma causa teológica, política e econômica. E o instrumento que tinha não era navios de guerra, nem tropas invasoras, era o discurso, a retórica, os silogismos fantásticos, posto que ele também cria que no princípio (e no fim) era e é o verbo.

O profetismo (e a retórica) tem uma semelhança com algo moderno, muito usado na medicina, chamado placebo. A relação do paciente e do médico com o placebo é ambígua. O remédio é falso, no entanto, pode gerar a cura. Vieira sabia disto. Dai nomear alguns capítulos de sua demonstração fantástica como “Utilidades da História do futuro”. Entre as várias utilidades deste discurso alucinado, Vieira vê a dissuasão dos inimigos de Portugal como efeito imediato. “Oh quantos danos, quantas despesas, quantos trabalhos, quanto sangue e perda de vidas, quantas lágrimas e opressão de naturais e estrangeiros poderia escusar Espanha, se com os olhos limpos de toda a paixão e afeto, quisesse ler esta História do Futuro”<sup>11</sup>.

Caminhando para o fim desta insólita intervenção, eu faria uma anotação sobre uma questão presente em vários tópicos

mencionados, a utopia. A utopia que ontem e hoje está presente nos discursos ideológicos. Ernst Bloch dissertou sobre o “princípio esperança” como algo essencial em nossas vidas. Ernst Cassirer, aquele da filosofia das formas simbólicas, assinalou que é próprio do ser humano viver em expectativa, direcionado para o futuro. A cultura judaico-cristã, entre outras, sabe e pratica isto. Vieira usou disto para sistematizar sua assessoria ideológica ao poder eclesiástico e leigo de Portugal. No entanto, as utopias, sendo necessárias, são perigosas. E mesmo sabendo disto, ao primeiro canto da sereia, se não nos amarram ao mastro da realidade, nos jogamos ao mar dos sonhos. Por isto, termino poeticamente dizendo:

As utopias  
são facas  
de dois  
gumes:

num dia  
dão flores  
noutro  
são estreme.

Na travessia  
do deserto  
as utopias  
são miragens

mas como  
se alimentar  
de paisagens?

As utopias  
mobilizam  
e a longo prazo  
paralisam.

Utopias  
são ambíguas  
podem aliviar  
no presente  
as fadigas  
mas no futuro  
levam a um muro  
sem saída.

Mais que  
dilema  
bigume:  
estrela  
e negrume  
trampolim  
e tapume  
ou fênix  
implume  
nenhuma  
imagem  
as utopias  
resume.

As utopias  
são facas  
de três gumes<sup>12</sup>.

---

## NOTAS

\*Texto apresentado no Congresso Comemorativo do IV Centenário de Nascimento do Padre Antônio Vieira, ocorrido na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, de 27 a 29 de agosto de 2008, sob a organização de Lélia Parreira Duarte e Maria Theresa Abelha Alves. [Nota do Organizador]

<sup>1</sup>*Estado de Minas*, 17.02.2008.

<sup>2</sup>SANTOS, Leonel Ribeiro dos. *Melancolia e Apocalipse*. Estudos sobre o pensamento português e brasileiro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

<sup>3</sup>Id., *ibid.*, p. 34.

<sup>4</sup>Id., *ibid.*, p. 36.

<sup>5</sup>Id., *ibid.*, p. 37.

<sup>6</sup>Citado por Leonel Ribeiro dos Santos no estudo mencionado.

<sup>7</sup>TAVARES, Maria José Ferro. O messianismo na obra do Padre Antônio Vieira. In: *Actas do Congresso Internacional Padre António Vieira*, v. I, Braga, 1999.

<sup>8</sup>Id., *ibid.*, p.163.

<sup>9</sup>*O que aprendemos até agora?* Aula inaugural dada em diversas universidades: UFMA (1994), USU (1995), UFRJ (2003).

<sup>10</sup>Vieira, António. História do Futuro. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas*, v. VIII. Lisboa: Livraria Sá Costa Ed., 1952, p. 140.

<sup>11</sup>Id., *ibid.*, p. 71.

<sup>12</sup>Agradeço ao editor e escritor José Mário Pereira pelo envio dos textos de Leonel Ribeiro dos Santos e Maria José Ferro Tavares, citados neste trabalho.